

Ódio, amor, ignorância: A escuta psicanalítica nas paixões do ser

Manoel Ferreira

Rosana Aguiar

Intersecção Psicanalítica do Brasil

Lacan, em 1958, em “Função e campo da fala e da linguagem”, refere-se à função do analista, e afirma que o discurso dominante, ou a subjetividade da época, o movimento ou as mudanças simbólicas devem ser levados em consideração no campo da Psicanálise, pois todo psicanalista deve conhecer bem sua função de intérprete da discórdia das línguas no que denomina “a espiral de sua época na obra contínua de Babel”. Além deste, tomamos um outro comentário de Lacan que parece colocar pontos bastante atuais para elaborarmos: “se quisesse exprimir os três tempos da estruturação da palavra na procura da verdade, a partir do modelo de um desses quadros alegóricos que florescia na época romântica como a virtude perseguindo o crime, auxiliada pelo remorso, eu lhes diria - O erro se refugiando na tapeação e pego na equivocação”¹.

No cotidiano da clínica psicanalítica, nos deparamos cada vez mais com sinais de alerta em relação às manifestações de ódio e intolerância quando escutamos o sofrimento de muitos dos nossos analisantes, o que nos impele a refletir sobre as paixões do ser. Em Freud lemos que, o ódio é tomado como paixão primária, anterior ao amor. Temos como exemplo, as situações e demonstrações de ódio das mais diversas que acontecem mundo afora, as quais presenciamos muitas vezes em tempo real nos mais diversos contextos socioculturais.

O uso do virtual e das redes sociais cresce a cada dia em lugares os mais distantes do planeta, boa parte da população está conectada. Os acontecimentos de atos violentos podem ser visualizados em tempo real e essa nova forma de “laço” tem seus percalços, já que muitas vezes em contextos de exposição de si mesmo e do outro, mostra seus sinais em várias esferas. Tal fenômeno nos faz pensar,

¹ LACAN, J. (1958) Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

enquanto analistas, em que medida a Clínica tem nos convocado à escuta do sofrimento humano proveniente do paradoxo do amor, do ódio e da ignorância cada vez mais expostos aos modos de laços sociais e, portanto, aos seus discursos.

Ao refletirmos sobre o tema, vemos que em 1932, Freud² afirmou que é pela grande necessidade de poder e o modo de sua relação com este, que o homem traz consigo um desejo de ódio e destruição. Nesse mesmo escrito, as pulsões humanas seguem em duas direções, uma que serve para união e a outra para a destruição e morte. Contudo, nenhuma é menos fundamental que a outra, pois, por vezes, ora uma ora outra deverá estar a serviço do homem. Comumente, a pulsão agressiva pode estar a serviço do sujeito quando se presentifica na necessidade de autopreservação. Da mesma forma, a pulsão de vida, dirigida ao objeto de amor, no próprio esforço para manter-se viva, pode agir com agressividade que se apresenta como domínio do outro, por exemplo.

Lacan cunhou o neologismo Odiamor que nos remete à própria situação conflituosa que o amor e o ódio convocam. Os mecanismos empregados para dar vazão à pulsão de morte se transformam à medida que o discurso social se modifica no uso do sintoma para negar a existência do outro, a própria negação da alteridade. Notadamente, a violência é um fenômeno que se produz nas relações sociais, sendo que uma de suas dimensões é a aniquilação, ou seja, dar fim à existência do outro, exemplificadas pelas transgressões, roubos, assaltos, assassinatos, contrabandos, exploração do trabalho infantil, dentre outras que afetam o homem direta e indiretamente. Toda a hostilidade que impera entre os homens põe a sociedade em risco e a civilização se vê permanentemente ameaçada de desintegração³.

Hoje, acompanhando a elaboração de Lacan⁴ sobre o discurso capitalista, os objetos oferecidos no mercado como descartáveis, alimentam a falta de gozo e nutre o capitalismo com a promessa de um gozo garantido o qual coloca o gozo a serviço do homem a partir da produção de gadgets, identificados com o

² FREUD, S.(1932-1936). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago.

³ AGUIAR,RMR. (2014). Tese de Doutorado. Violência na escola e sofrimento psíquico de professores: Uma análise das práticas profissionais de orientação psicanalítica.

⁴ LACAN, J.(1969-1970) O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

mais-de-gozar, que supostamente satisfariam o sujeito e que acumuladamente apontam para uma completude. Entretanto, esse modo de viver não exige renúncia pulsional, ao contrário, instiga a pulsão, impondo ao sujeito determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta, sobretudo e em primeira mão, a pulsão de morte. Da demanda pelo mais-de-gozar, resulta cada vez mais a eterna insatisfação, expressa pelo nunca é o suficiente, tudo é pouco, o que impele o sujeito à fantasia de um dia ser completo.

Nesse discurso, os laços sociais, cada vez mais esvaziados de sentido, permitem o não reconhecimento, apagamento do outro enquanto sujeito de desejo, na medida em que valores que sustentam as relações humanas – como respeito, reconhecimento das diferenças e da diversidade que permeiam as singularidades – são negados. A forma moderna e fugaz de relacionamentos baseados em individualismos, não sustenta um modo de vida em sociedade⁵.

A ignorância da informação hoje, coloca-se assim; eclipsados pelo brilho do Objeto nos perdemos entre tantas informações que não mais nos localizamos no mundo. Perdemos um organizador para transformar a informação em uma certa organização de Saber, já que vivemos um encurtamento e colagem do instante de ver e do momento de concluir. Com isso o tempo de compreender é levado ao mínimo que é algo do efeito do discurso do capitalista hoje, o que leva à ignorância e proporciona uma troca do desejo do sujeito pela satisfação do objeto.

No “diamante” que Lacan⁶ nos apresentou em seu seminário I, temos as arestas Ir (ódio) e Rs (ignorância) destacando a face Real do nosso tempo e deixa a aresta do amor Si recoberta. Um Ignoródio? O oco do ser pela via da palavra⁷ toma a consistência imaginária do signo e a verdade perde seu lugar de amarração na estrutura do discurso e surge como um efeito, móvel, das disputas de narrativas.

⁵ AGUIAR, RMR. (2014). Tese de Doutorado. Violência na escola e sofrimento psíquico de professores: Uma análise das práticas profissionais de orientação psicanalítica.

⁶ LACAN, J. (1953-1954) O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

⁷ “simetricamente, cava-se no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal. A noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantêm e oscilam, são exatamente correlativos”. LACAN, J. (1953-1954) O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Essa situação nos faz indagar sobre o que nos espera e, ao mesmo tempo, nos convoca à responsabilidade como analistas. Que destino tem o sujeito suposto saber e a ignorância douda em um discurso corrente impregnado de uma paixão da ignorância atrelado ao discurso capitalista?

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, RMR. (2014). Tese de Doutorado. Violência na escola e sofrimento psíquico de professores: Uma análise das práticas profissionais de orientação psicanalítica.

ALBERTI, S. (2003). As paixões do ser: a partir de um caso freudiano. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 1(1), 10–17. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/7688>

FREUD, S. (1933[1932]). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1990,

LACAN, J. (1953-1954) O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1958). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1969-1970) O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1972-1973) O Seminário, livro 20: mais, ainda. 2a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VIEIRA, M. A. . O ser da paixão. In: Leal, C. E.; Holck, A. L.. (Org.). As paixões do ser. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998, v. , p. 75-90.